



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - CAMPUS III

CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO

CURSO DE LETRAS– DEPARTAMENTO DE LETRAS

TALYTA MARIA AGUIAR RIBEIRO

CARTAS PORTUGUESAS: UMA HISTÓRIA DE (DES)AMOR

GUARABIRA – PB

2014

TALYTA MARIA AGUIAR RIBEIRO

CARTAS PORTUGUESAS: UMA HISTÓRIA DE (DES)AMOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, em cumprimento à exigência para obtenção de grau de Licenciada em Letras Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Ms. Carlos Adriano Ferreira de Lima

GUARABIRA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R482c Ribeiro, Talyta Maria Aguiar
Cartas portuguesas [manuscrito] : uma história de
(des)amor / Talyta Maria Aguiar Ribeiro. - 2014.
20 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Carlos Adriano Ferreira de Lima, Departamento de
Letras".

1. Literatura portuguesa. 2. Cartas portuguesas. 3. Mariana
Alcôforado. 4. Chamilly. I. Título.

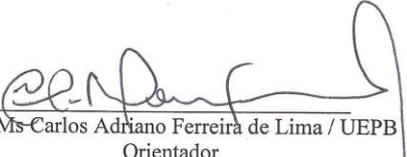
21. ed. CDD P869.3

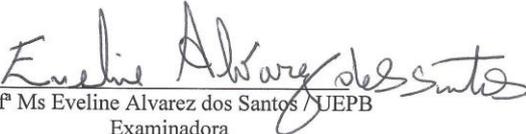
TALYTA MARIA AGUIAR RIBEIRO

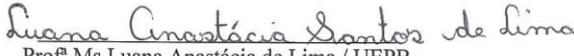
CARTAS PORTUGUESAS: UMA HISTÓRIA DE (DES)AMOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa.

Aprovada em 07/03/2014


Prof^º Ms Carlos Adriano Ferreira de Lima / UEPB
Orientador


Prof^º Ms Eveline Alvarez dos Santos / UEPB
Examinadora


Prof^º Ms Luana Anastácia de Lima / UEPB
Examinadora

Aprovada com restrição

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a *Deus*, pois sem ELE não teria sido possível alcançar esse objetivo;

Ao meu pai, *Antonio Ribeiro Sobrinho*, e à minha mãe (Advogada mais linda desse mundo), *Maria da Conceição Aguiar Ribeiro*, por todo amor e apoio incondicional desde sempre;

Às minhas irmãs *Renata Ribeiro* e *Lidiana* e meu irmão *Antonio Filho* por acreditarem que um dia eu conseguiria atingir esse objetivo;

Ao meu tio-irmão, *Rodrigo Ribeiro*, por seus sábios conselhos;

Ao grande amigo de todas as horas, *Raimundo Ferreira*.

À *Juliana Pereira* e à *Ana Caroline*, pessoas que a UEPB teve a honra de me presentear com suas amizades;

Ao professor *Francisco Nailson dos Santos Pinto Júnior*, pelas horas de orientações e pela grande paciência;

E a todos que diretamente ou indiretamente contribuíram para que eu chegasse onde cheguei. Meu sincero: Muito obrigada!

CARTAS PORTUGUESAS: UMA HISTÓRIA DE (DES)AMOR

RIBEIRO, Talyta Maria Aguiar.¹

RESUMO:

O presente trabalho pretende discorrer sobre uma história de (des)amor entre um oficial do exército francês, de Chamilly, e uma freira portuguesa, Mariana Alcoforado. O relato desse romance é encontrado na obra *Cartas Portuguesas*, datado do século XVII, se enquadrando, dessa forma, na estética literária Barroca. O trabalho se propõe a discutir sobre o gênero epistolar bem como procura explorar alguns aspectos da estrutura da obra, tais como, figuras de linguagem, a dúvida quanto à verdadeira autoria de tais missivas e como a freira lidou com aparente desprezo dele para com ela. Utilizamos como subsídio teórico as contribuições de MOISÉS (2006), GOMES (2004), VIÑAO FRAGO (1999), entre outros. A ideia de debater sobre a presente temática surgiu a partir do Projeto do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) UEPB/PIBIC AF-CNPQ, intitulado “Cartas de (des)amor: Cultura epistolar e afetos na literatura do século XVI e XVII” coordenado pelo professor Ms. Carlos Adriano Ferreira de Lima no qual fui sua aluna pesquisadora-bolsista.

Palavras-chave: Mariana Alcoforado. Chamilly. Epístolas. Cartas Portuguesas.

INTRODUÇÃO

Em um período conturbado que vivia a Europa do século XVII, os reinos de Portugal e Espanha que travaram uma batalha que ficou conhecida como *Guerra da Restauração*. O exército português solicitou à França que enviasse tropas à terra de Camões, pois o exército espanhol era muito mais forte.

É aí que surge a figura do oficial de Chamilly que vai liderar a cavalaria. Em 1666, três anos após chegar em Portugal, ele é deslocado à cidade de Beja. Lá chegando, conhece uma freira chamada Mariana Alcoforado e depois de alguns galanteios, ele a conquista.

¹ Licencianda do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – talytamaria@hotmail.com

Os dois mantêm um relacionamento às escondidas e os encontros ocorrem no Convento Nossa Senhora da Conceição, mosteiro este que a religiosa está enclausurada desde os onze anos de idade.

A França também entrou em guerra e todo o exército que estava em outros países fora convocado de volta. E Chamilly teve que se ausentar e o seu romance com Mariana Alcoforado precisou chegar ao fim. Porém ela estava perdidamente apaixonada por ele, todavia a recíproca aparentava não ser verdadeira.

É nesse momento que ela decide enviá-lo cinco cartas indagando o porquê de tanto desprezo, o porquê de ele não lhe responder aos seus apelos, enfim, a jovem consegue no máximo obter do seu amado o silêncio.

Logo, é a partir desse momento que começam os problemas na vida de Mariana Alcoforado, porque até então ela havia vivenciado apenas a parte mais branda do amor; quando ela é abandonada, sente que o amor, às vezes tem gosto de fel.

Então, o presente trabalho se propõe a discutir sobre o gênero epistolar bem como procura explorar alguns aspectos da estrutura da obra, tais como, figuras de linguagem, a dúvida quanto à verdadeira autoria de tais missivas e como a freira lida com aparente desprezo dele para com ela.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO PERÍODO EM QUE FORAM ESCRITAS AS CARTAS

Com vistas a tornar mais dinâmico e mais fácil de entender o pano de fundo histórico que permeia o enredo do romance *As Cartas Portuguesas*, necessário se faz que façamos um recorte histórico sobre o período em que tais cartas foram escritas.

A priori somos remetidos à Península Ibérica do século XVII, especificamente ao período em que houve uma guerra entre os reinos de Espanha e de Portugal, nos anos de 1640 e 1668. Essa batalha ficou conhecida como a *Guerra da Restauração*.

Os conflitos vieram à tona por causa de um golpe de Estado da Restauração da Independência, que acabou com a monarquia da Dinastia Filipina (1580). As guerras foram encerradas a partir de um pacto nomeado *Tratado de Lisboa* que fora firmado entre Carlos II de Espanha e Afonso VI de Portugal. Dessa maneira, Portugal teve, finalmente, sua independência reconhecida pela Espanha.

O início da Guerra da Restauração aconteceu devido à crise que assolou o reinado no tocante à sucessão do trono, que ocorreu após a morte de D. Sebastião de Portugal, até então rei. Filipe II de Espanha, que se tornou Filipe I de Portugal e passou a governar o reino. Seus sucessores foram Filipe II de Portugal e Filipe III de Portugal, respectivamente, seu filho e seu neto, que configuraram a Dinastia Filipina.

A nobreza de Portugal era forte opositora desta monarquia e começou a opor-se a partir da figura de *Prior de Castro*, que não pode ser um sucessor do trono porque era filho bastardo.

Com o aumento da insatisfação com a Dinastia Filipina, homens da nobreza de Portugal liderados por Dr. João Pinto Ribeiro, D. Miguel de Almeida e D. Antão de Almada planejaram uma conspiração contra Filipe III de Portugal no ano de 1640.

Este grupo foi responsável pela morte de Miguel de Vasconcelos, que era Secretário de Estado, e pelo aprisionamento da prima do rei Filipe III, a Duquesa de Mântua, a quem ele confiara o governo português.

Outro fator que colaborou com a conspiração foi porque a Espanha estava com grande parte de suas forças armadas envolvidas na Guerra dos 30 Anos, na qual tentava acabar com a revolta de Catalunha. É nesse momento que tem início da Guerra da Restauração.

A batalha travada entre os dois reinos era tão acirrada que: “(...) [Os espanhóis] investiram valorosamente o corpo da infantaria e cavalaria [portuguesa] que lhes ficava oposta e, rompendo-o, chegaram até à vanguarda da segunda linha da infantaria e da terceira da cavalaria.” (ERICEIRA, 1946, IV, p. 300)

Depois de restaurada a independência, D. João IV tornou-se o novo rei português e, junto a seus apoiadores, preocupou-se em consolidar a autonomia

alcançada na Guerra da Restauração. Primeiramente, D. João IV precisava de reconhecimento internacional como legítimo rei de Portugal.

Dentro do reino português, esse status foi alcançado em 1641 após o juramento ante as Cortes de Lisboa. Para difundir a ideia pelo resto do continente, o rei mandou embaixadores no intuito de conseguir apoio de outras monarquias e obteve êxito.

Todos esperavam que a Espanha rechaçasse a ação portuguesa com ataques militares para conseguir a plena soberania sobre o território novamente. Como o ataque da Espanha não foi imediato, D. João IV conseguiu organizar suas forças bélicas para proteger o território conquistado na Guerra da Restauração.

Com fim da Guerra dos 30 Anos, a Espanha organizou alguns ataques esporádicos contra Portugal, que foram facilmente combatidos pelo exército de D. João IV. Apenas em 1663 a Espanha fez uma investida considerável, época em que o trono de Portugal já estava sendo comandado por D. Afonso VI. Nesse confronto, os portugueses perderam dois territórios: a praças de Alcácer do Sal e de Évora.

Com uma sucessão de conflitos, Portugal conseguia se sobressair sobre os espanhóis na Guerra da Restauração. Entre essas batalhas, as principais foram: Batalha de Montes Claros, Batalha de Castelo Rodrigo e Batalha do Ameixal.

2. SÓROR* MARIANA ALCOFORADO

Mariana Alcoforado nasceu em Beja, Portugal, no dia 22 de abril de 1640, filha de Francisco da Costa Alcoforado e Leonor Mendes. Aos onze anos de idade fora enviada ao Convento Nossa Senhora da Conceição localizado na sua cidade natal. Era tradição das famílias mais abastadas daquela época enviar suas filhas para essas casas de recolhimento religiosas com vistas à proporcionar-lhes uma melhor educação.

*Sóror vem do latim *soror*, que significa *irmã*. Era um antigo tratamento que era dado às freiras.

Aos dezesseis anos, Mariana professou-se freira. Nesse período, a sua irmã, Catarina Alcoforado também fora enviada por seu pai para o convento, porém ela faleceu antes mesmo de professar a ordem religiosa.

A jovem freira passou de auxiliar de escritã e tornou-se *oficial das contas conventuais*. Por causa desta sua nova atribuição, ela não ficava enclausurada como as demais colegas. Mantinha contato com o mundo exterior, uma vez que era a responsável pelo pagamento das despesas de manutenção do mosteiro.

O ano de 1663 foi marcado pela tragédia da perda da sua mãe. E foi dada à Mariana a missão de educar no convento a sua irmãzinha de três anos de idade, Maria Alcoforado. Como foi explicitado anteriormente, essa época em que se passa a presente narrativa, foi quando teve início da Guerra da Restauração.

Então as tropas espanholas invadiram as terras lusitanas e o socorro aos irmãos portugueses veio da França. Por esse motivo, *Noël Bouton* comandando a cavalaria francesa chega às terras Alentejanas no ano de 1663. Ele era conhecido como Conde de Saint-Léger ou marquês de Chamilly. Em 1666 fora deslocado para a cidade de Beja.

Do alto da janela do Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição era possível avistar a Porta de Mértola da entrada da cidade. Nessa posição era possível às freiras avistarem os galantes soldados que estavam a defender a cidade de Beja.

Dentre eles, um em especial chamou a atenção de Mariana Alcoforado e a deixou encantada por suas qualidades latentes: *o Marquês de Chamilly*, justamente por ele ser um homem muito formoso, distinto e gentil. A priori, todos esses atributos fez surgir na moça uma grande admiração pelo oficial e aumentou mais ainda quando o seu irmão, Baltazar Alcoforado [também soldado], tornou-se amigo de Chamilly.

Logo, os laços de amizade foram estreitados entre o casal e uma paixão avassaladora arrebatou o coração da jovem portuguesa. Mariana e Noël passaram a trocar correspondências; uma criada do convento leva as correspondências dela para ele e vice-versa: “Confesso, no entanto, que a

oportunidade que o meu irmão me proporcionou de te escrever me trouxe alguns momentos de alegria (...)" (ALCOFORADO, 1997, p. 15)

Como ora já fora mencionado, as famílias da sociedade em pauta que se destacavam por terem alto poder aquisitivo tinham por hábito enviar as suas filhas ao convento e às famílias eram-lhes dadas a faculdade de construir aposentos privativos dentro dos mosteiros para garantir privacidade das religiosas.

Assim sendo, o convento Nossa Senhora da Conceição constantemente passava por reformas, logo, valendo-se de tal prerrogativa, Conde de Saint-Léger aproveitava o ensejo e se disfarçava de operário para poder encontrar-se com a jovem portuguesa. E assim eram os seus encontros.

Entretanto, os dias foram-se passando e a sóror não recebia mais notícias de seu amante. Ela estranhou, pois ele em suas juras de amor lhe confessara que tudo que estivesse ao seu alcance ele o faria para estar ao lado dela.

Porém, a ausência dele, agora, se fazia mais presente do que nunca. Inicialmente ela imaginou e tentou se convencer de que tudo isso não passava de uma estratégia encontrada por ele a fim de que não surgissem boatos - principalmente dentro do mosteiro - de que eles se encontravam às escondidas. Ela entendia que era uma tentativa por parte dele em conservar a identidade da moça.

Ela deduziu que o oficial francês estava querendo manter em sigilo absoluto do seu caso amoroso. Vale a pena frisar que ela temia bastante que esse romance fosse descoberto principalmente por seu pai, pois, no mínimo, a atitude mais "sensata" dele seria transferi-la para outro convento. E se isso ocorresse certamente ela não teria mais contato com o amor da sua vida.

Apesar de estar diante desse leque de possibilidades, Mariana preferiu se conformar em apenas vê-lo passar diariamente sob as Portas de Mértolas da cidade. Entretanto, de tanto esperar e ansiar por notícias, chegou um ponto que ela se desesperou:

Mil vezes ao dia dirijo para ti os meus suspiros: eles procuram-te em toda a parte e, como recompensa de tantas inquietações, apenas me trazem o aviso demasiado sincero da minha triste sorte, que tem a

crueldade de não suportar que eu me iluda e que a cada passo me diz: basta!, basta!, infeliz Mariana, basta de te consumires em vão e de procurares um amante que nunca mais voltarás a ver; (ALCOFORADO, 1997, p. 12)

Aquele semblante feliz de outrora agora deu espaço à tristeza e à angústia. A freira vivia cabisbaixa e era flagrada em longos e constantes pasmos próximo de uma capela. Estaria ela rezando? Não, não estava. As poucas palavras que ela balbuciava e sussurrava eram todas direcionadas ao Marquês de Chamilly. Mariana o amava e sofria em silêncio.

Em nenhum momento ela sequer cogitou o quanto estava se expondo; o seu pensamento era voltado única e exclusivamente para o seu amante e, conseqüentemente, os mais diversos questionamentos começaram a pairar em sua mente:

Conjuro-te a que me digas por que é que te empenhaste em me encantar como fizeste, se já sabias que me havias de me abandonar? Por que é que puseste tanto empenho em me tornar infeliz? Por que não me deixaste em paz no meu convento? Tinha-te feito algum mal? (ALCOFORADO, 1997, p. 15)

Em dezembro de 1667 a França declarou guerra à Espanha. E o marquês de Chamilly foi chamado a voltar para seu país e a informou através de uma epístola que não mais voltaria a Portugal.

Com a certeza da incerteza do seu futuro, ela decidiu escrever-lhe cinco cartas apaixonadas com a pretensão de tentar persuadi-lo a ficar com ela, porém como afirma J. D. Nasio (2007:41): “o que dói não é perder o ser amado, mas continuar a amá-lo mais do que nunca, mesmo sabendo-o irremediavelmente perdido.”

Sendo assim, nos escritos de sua quinta e última carta ela demonstrou que tinha consciência do fim de seu romance com o Noël e que não iria mais procurá-lo: “Escrevo-lhe pela última vez, e espero fazer-lhe saber, pela diferença dos termos e do desta carta, que, finalmente me persuadiu de que já não me amava e que, portanto, também eu devo deixar de o amar.” (ALCOFORADO, 1997, p. 55)

3. GÊNERO EPISTOLAR

O gênero textual carta tem por finalidade relatar experiências vividas. A epístola é uma palavra de origem latina e o seu sinônimo é carta. É uma forma de expressão escrita. Textos epistolares são em sua maioria escritos com a alternância da primeira e da segunda pessoa do singular (eu/tu).

O ato de escrever cartas do tipo pessoais ou íntimas, por exemplo, consiste em confrontar-se com códigos estabelecidos e, a partir deles, (re)construir ou (re)inventar um lugar para si como um refúgio e ele só é possível e passível de ser encontrado através das palavras.

Corresponder-se ou trocar cartas são legítimas formas de mostrar-se, de interagir e compartilhar experiências com outrem e a sua principal função é: “pôr ordem em suas ideias, clarificar e recordar pensamentos, sensações e sentimentos.” (VIÑAO FRAGO, 1999, ps. 127-8).

É interessante observarmos que a carta se analisada sob o prisma da prática de escrita, nos revela muitas nuances sobre quem a escreve bem como de quem a recebe, pois é possível saber o nível cultural dos interlocutores, suas personalidades e a relação existente entre eles. Pode-se entender a epístola como uma forma escrita de uma conversação oral. Portanto, o estilo epistolar caracteriza-se por apresentar, em sua maioria, a espontaneidade, a naturalidade, a sinceridade, a cortesia e o afeto.

Se pudéssemos medir a intensidade dos envolvidos nessa relação perceberíamos que a cumplicidade é a razão para a existência desse tipo de relação, pois: “(...) nunca se escreve senão para viver, a fim de se fazer presente frente a uma situação, para explicar, justificar-se, informar, (...) sofrer menos, fazer-se amar, dar-se prazer.” (BOLLÉME, 1988, p. 201).

Os estudos sobre as práticas epistolares se intensificaram muito, principalmente da última década do século XX para os dias atuais, e essas “escrituras ordinárias ou escritos sem qualidade”¹, possibilitaram inúmeras pesquisas sobre práticas e funções culturais da escrita na sociedade letrada em discussão.

O destino comum dessas letras ou desses escritos ordinários é o lixo [em sua grande maioria] ou às chamadas: “Quero, no entanto, que saibas que,

¹ As escrituras ordinárias ou sem qualidades são aquelas realizadas pelas pessoas comuns e que se opõem as escritos prestigiados, elaborados com vontade explícita de ‘fazer uma obra’ para ser impressa.

(...) sinto vontade de queimar e de destruir estes testemunhos do seu amor que me eram tão caros.” (ALCOFORADO, 1997, p. 56).

Ou são simplesmente condenadas ao descaso e ao esquecimento, porém se preservadas, criam chances para serem analisadas sob as mais diversas óticas além de contribuem para entendermos melhor cada época e cada sociedade.

O que interessa ao historiador é a evolução e posteriormente as mudanças desta prática, maneiras e modos de escrever, contextos em que foram escritas tais cartas, bem como os materiais, objetos ou signos utilizados para se escrever além do espaço social e os significados e relações que são estabelecidas e produzidas a partir de tais atos.

Muitos são os elementos que podem ser elencados e levados em consideração na hora de pormenorizar uma epístola, por exemplo, os modos e maneiras de escrever, a função dos tipos de letra – maiúscula, minúscula – nas notícias corriqueiras, a expressividade gráfica exercida “como liberdade, direito e/ou transgressão”. (VIÑAO FRAGO, 1999, p. 148). E pela análise dessas práticas epistolares percebemos que é possível verificar como a escrita dá margem a novas estratégias cognitivas, modos de pensamento e expressão, bem como atribui um outro sentido de tempo e espaço.

4. CARTAS PORTUGUESAS

Muitas controvérsias pairaram no tocante à verdadeira autoria de tais epístolas, até o momento em que muitos estudiosos aventuraram-se no intuito de solucionar esse mistério. Ao que se sabe, elas foram publicadas em 1669, em Paris, sob o título *Lettres Portugaises traduites em français* cujo autor (até então) era desconhecido.

Mas Moisés (2006) nos chama atenção para os seguintes questionamentos: qual seria a quantidade exata de cartas que foram trocadas? Ou enviadas? Quem realmente as escreveu? Será que houve colaboração alheia na sua publicação? Isso até hoje é considerado um enigma indecifrável.

Depois de muito tempo descobriu-se que o autor era Guilleragues e que tudo isso não passara de um golpe publicitário entre o autor e o editor.

Consoante Gomes (2004): “Tratando-se da escrita epistolar, atentar-se para uma série de questões que não envolvem apenas o indivíduo ‘autor’ da carta, mas também a relação que se estabelece com o ‘receptor’, a quem ela se dirige.”

E o público alvo de tais cartas era a sociedade europeia do século XVII. Na narrativa há um relato de todo amor e sofrimento que a religiosa portuguesa fora submetida, sofrimento este que os leitores ora elogiam oram criticam.

Essa ótica advém da forma como o texto fora traduzido. Segundo Yebra (1982): “Traduzir é enunciar em outra língua o que tem sido enunciado em uma língua fonte, conservando as equivalências semânticas e estilísticas.” Nesse sentido, os leitores são induzidos a manter uma relação de amor ou ódio pós leitura daquelas cartas.

De acordo com os estudos de Vinay e Dalbernet (1977) a tradução pode ser dividida em cinco categorias: tradução divulgativa (textos jornalísticos), tradução literária (prosas, poesias), tradução científica-técnica (engenharia, informática), tradução jurídica (textos legais) e tradução pública (documentos, certificados).

Caso um texto não se encaixe em nenhuma dessas categorias acima mencionadas, fica a critério do tradutor fazer uma tradução livre, conhecida também como adaptação. No novo texto há a substituição da realidade cultural e social do texto original para a realidade mais próxima da realidade do (futuro) leitor.

Burke (2009) compreende a tradução cultural como um esforço simultâneo de compreensão no encontro de duas culturas. Levando-se em consideração o contexto histórico da obra – século XVII, o anacronismo, isto é, o pré-julgamento que somos levados a fazer acerca de épocas diferentes da nossa a partir dos nossos valores e de nossas concepções de mundo presente, nos ajuda a perceber que a temática em questão, o (des)amor, é atemporal e que todos nós em algum momento da vida já amamos ou fomos amados. Já sofremos ou fizemos sofrer. Todos de uma forma ou de outra já fora ora Mariana ora Chamilly.

4.1 ALGUNS ASPECTOS ESTRUTURAIS DAS CARTAS

O enredo das cinco Cartas Portuguesas, datado do século XVII, está situado na tendência literária Barroca. Tal estética surgiu na Europa em decorrência da oscilação social que assolava aquele continente e trazia arraigada em si momentos ora de depressão e pessimismo ora de euforia e nacionalismo. E esse período de grande turbulência, crise e incertezas serviu de inspiração para todas as artes, principalmente para a Literatura.

As principais características que se faziam presentes nas artes eram: o conflito, o contraste, o dilema, a contradição e a dúvida. E tudo isso reflete bem o conflito entre a herança humanista, renascentista, racionalista e clássica do homem quinhentista (século XVI) e o espírito medieval, místico, religioso, exacerbado pela Contrarreforma Católica.

Diante disso, é importante destacarmos que a produção seiscentista privilegiou primordialmente gêneros literários como a poesia lírica, a oratória seca, o teatro de costumes, a prosa moralizante, a historiografia e a *epistolografia*, sendo esta última o foco de nossa discussão.

Consoante MOISÉS (2006, p. 200): “A epistolografia literária em prosa, com destinatário certo ou virtual, constitui dos capítulos mais relevantes do *Barroco* português. Dentre os vários epistológrafos seiscentistas, destacam-se: Sórora Mariana Alcoforado, Padre Antônio Viera e D. Francisco Manuel de Melo.”

Logo, somos convidados a assistir de perto a novela da vida alheia de narradora personagem, Mariana Alcoforado, em Cartas Portuguesas. Após a leitura de suas missivas é possível elencarmos algumas questões pertinentes que se fazem marcantes ao longo da narrativa bem como somos levados inconscientemente a sugerirmos soluções para o problema em pauta. Porém, na condição de leitor nos é negado intervir de fato no curso natural do enredo.

A grande questão que norteia a presente obra é a tentativa de entender o porquê de o oficial gaulês não responder às cartas da sóror. “(...) não deixaria de ser bem infeliz se me amasses apenas porque te amo (...) Mas encontro-me tão longe disso, que há seis meses já que não recebo de ti uma só carta!” (ALCOFORADO, 1997, p. 20)

A partir da citação acima, percebemos, então, o acentuado estado de angústia em que a jovem religiosa se encontrava, pois incessantemente ela mergulhara dentro de si em busca de motivos plausíveis que justificassem esse imensurável desprezo de seu amante, entretanto nada encontra. “Por que não queres ficar comigo a vida inteira?” (ALCOFORADO, 1997, p. 15)

É muito comum observamos que em cartas que a linguagem utilizada não é tão formal ou tão rigorosa, exceto quando diz respeito à correspondência de cunho oficial, tendo em vista que são requeridas delas um pouco mais de atenção do remetente para com o destinatário no tocante à hora de redigi-la.

E, apesar de as epístolas de Mariana serem destinadas ao seu Marquês de Chamilly, verificamos que a freira escreve de maneira bastante cuidadosa e elaborada. “Serão inúteis todos os meus desejos? E não hei-de tornar a ver-te no meu quarto com todo ardor e impetuosidade que me manifestavas?” (ALCOFORADO, 1997, p. 20)

Na narrativa se fazem presentes algumas figuras de linguagem típicas da arte barroca, tais como: a *hipérbole*, caracterizada como um exagero nas ideias: “(...) não tive um momento de saúde e o meu único prazer consiste em murmurar o teu nome mil vezes ao dia” (ALCOFORADO, 1997, p. 24); a *antítese*, que significa uma contradição, uma oposição, um jogo de contraste de ideias: “(...) Antes quero sofrer ainda mais do que esquecer-te... Infeliz que sou! (...) Sou mais feliz que tu, pois minha vida é plena.” (ALCOFORADO, 1997, p. 22)

Há também a presença da *sinestesia*, isto é, a relação de planos sensoriais diferentes: “(...) há-de então privar-me para sempre de fitar esses olhos (...) que me faziam saborear emoções que me cumulavam de alegria, que eram meu tudo, a tal ponto que deles só precisava para viver?” (ALCOFORADO, 1997, p. 11)

Diante do exposto, querendo ou não, Cartas Portuguesas reflete e representa bem as oscilações de ordem mental típicas da estética barroca. Moisés (2006) nos assegura que a confissão dos impulsos amorosos ora expostos por Mariana Alcoforado em pleno século foi de tamanha coragem e audácia que não se pode mensurar (até hoje).

Destemida, ela adentrou em um espaço literário predominantemente voltado para o universo masculino. Sabe-se que tudo que vem para inovar é alvo das mais diversas sortes de críticas. Tanto que a primeira questão que foi posta em xeque pela crítica literária dizia respeito à autoria de tais cartas.

Era tradição nos séculos passados negar um lugar ao Sol às mulheres, principalmente em certos ambientes em que apenas o sexo masculino tinha acesso exclusivo. A literatura não seria a exceção a esta regra. Porém, enquanto não havia de fato a efetivação da luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, elas arriscavam. Riscavam e rascunhavam nos papéis o que o seu imaginário lhes permitia.

A principal crítica à inserção da mulher na literatura nos séculos idos residia no fato de que elas, em sua maioria esmagadora, tinham suas vidas voltadas apenas para o convívio familiar, logo, deduzia-se que seus escritos não seriam tão interessantes e muito menos relevantes; e que não passariam de um relato de seu cotidiano, que jamais receberiam reconhecimento e que não teriam um público disposto a ler tais “trivialidades”.

Mas quando Mariana Alcoforado em pleno século XVII escreveu aquelas cinco cartas de amor ao oficial francês e posteriormente foram publicadas e conseqüentemente receberam notória repercussão mundial e tornando-se um clássico da literatura mundial - algo um tanto novo para ser lido pela história da literatura justamente por ter como autoria uma mulher – percebemos que houve, mesmo que não-intencionalmente, uma quebra de paradigmas, uma ruptura com a hegemonia masculina no tocante à literatura.

Dessa maneira, a freira provou aos que duvidavam da capacidade do público feminino na condição de escritoras que elas eram tão capazes de redigir textos tão interessantes e originais quanto os homens. Diante disso, extraímos a máxima de que elas que seriam tão dignas de respeito quanto eles. Elas teriam um público leitor tanto quanto eles. E tudo isso foi possível graças à ousadia da sóror Mariana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Betty Milan (1984) nos assegura que o amor é algo sublime e ao mesmo tempo cruel, e o mais estranho é que ele tenta se fazer do bom pastor. Analogamente poderíamos afirmar que todo momento o oficial francês, Chamilly, se demonstrou ser um ser apaixonante para a freira Mariana Alcoforado, e depois que ele conseguiu, através de seus galanteios, conquistá-la não demonstrou mais interesse pela jovem.

Enganaste-me de cada vez que me disseste que estavas encantado por te encontrares a sós comigo. Só às minhas impertinências devo os teus arrebatamentos e arroubos. Foi a sangue frio que concebeste o projeto de me inflamar: olhaste a minha paixão apenas como uma vitória, e o teu coração nunca se deixou tocar profundamente por ela. (ALCOFORADO, 1997, p. 30)

Em um primeiro momento até seria possível entender a ausência do oficial gaulês, tendo em vista que o seu país entrou em guerra e ele fora convocado às pressas defender a sua pátria, porém a religiosa lhe escrevera o seguinte na terceira carta: “Esperava que me escrevesse de todos os lugares por onde passasses e que as tuas cartas fossem muito longas.” (ALCOFORADO, 1997, p. 29)

Diante do exposto, é perceptível que a jovem Mariana deixa transparecer o quanto está sofrendo devido às distâncias territoriais e sentimentais que lhe foram impostas pelo destino. E chega um momento em que ela se arrepende de ter se relacionado com o cavaleiro.

Enfureço-me contra mim própria quando penso em tudo quanto te sacrifiquei: perdi minha reputação, expus-me ao furor dos meus parentes, à severidade das leis deste país contra as religiosas e à tua ingratidão, que me parece ser a maior de todas as desgraças. (ALCOFORADO, 1997, p. 32)

Esse arrependimento vem acompanhado de alguns questionamentos:

Por que me fez conhecer a imperfeição e o desencanto dum afeto que não deve durar eternamente e as dores que acompanham um amor violento, quando ele não é recíproco? E por que hão-de, quase sempre, uma inclinação cega e um destino cruel conjugar-se pra nos fazer prender àqueles em que só outro amor poderia encontrar eco? (ALCOFORADO, 1997, p. 60)

Todo o momento percebemos que há tentativas em vão e frustradas, por parte da religiosa, para que o oficial francês responda-lhe sequer a um de seus

apelos. Observamos também que apenas o silêncio, a aflição e as dúvidas acerca do paradeiro de seu grande amor são as suas fieis companhias. Porém ela se convence de que não o quer mais em sua vida. “Escrevo-lhe pela última vez (...) já que não me amava (...) também devo deixar de o amar. (...) Não receie que eu lhe escreva.” (ALCOFORADO, 1997, p. 55)

A partir desse sofrimento a nossa narradora personagem compreendeu que o que lhe manteria viva não seria o ódio que ela nutria por Chamilly e sim o desprezo. Pois para odiarmos alguém é preciso que nos dediquemos por completo àquela pessoa; enquanto o desprezo nos exige o quê? Nada. Absolutamente nada. Porque amor e ódio habitam o mesmo universo. Já o desprezo é um exílio no deserto.

ABSTRACT:

This paper aims to discuss a history of (un) love between a French army officer, of Chamilly , and a Portuguese nun, Mariana Alcoforado . The story of this novel is found in the work of Portuguese Letters , dated the seventeenth century , fitting , therefore , the Baroque literary aesthetics . The paper aims to discuss the epistolary genre as well as to explore certain aspects of the structure of the work , such as figures of speech , doubt as to the true authorship of these letters and how the nun coped with his apparent contempt for her. The theoretical contributions of allowance MOISÉS (2006), Gomes (2004) , VIÑAO FRAGO (1999) , among others . The idea of debating on this subject arose from the Design Program of Scientific Initiation (PIBIC) UEPB / PIBIC AF - CNPQ entitled " Letters of (un) love: Culture and affections in the epistolary literature of the sixteenth and seventeenth century " coordinated by Professor Ms. Carlos Adriano Ferreira de Lima in which I was a scholarship student - researcher .

KEYWORDS: Mariana Alcoforado. Chamilly. Epistle. Portuguese Letters.

REFERÊNCIAS:

ALCOFORADO, Mariana. **Cartas Portuguesas**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

BOLLEME. Geneviève. **O povo por escrito**. (Tradução de Antonio de Pádua Danesi). São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BURKE, Peter e HSIA, R. Po-chia (orgs), tradução de Roger Maioli dos Santos. **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

ERICEIRA, Conde de (1946), **História de Portugal Restaurado**, edição anotada e prefaciada por António Álvaro da Silva Dória, Porto, Livraria Civilização, vol. IV.

FERREIRA, Carlos Aparecido. A vida e história de Mariana Alcorofado. Recanto das Letras. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/biografias/2065573>. Acesso em 25 fev 2014

GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MILAN, Betty; BRANCO, Lúcia Castello; MORAES Eliane R. e M. LAPEIZ, Sandra. **O que é amor, erotismo, pornografia**. São Paulo: Círculo do livro, 1984.

MOISÉS, Massud. **A literatura através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 2006.

NASIO, Juan David. **A dor de amar**. Tradução André Telles e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 2007

VIÑAO FRAGO, Antonio. Leer y Escribir. **Historia de dos prácticas culturales**. México. Fundación Voces y Vuelos, 1999

VINAY, J. P. e DARBELNET, J. **Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction**. Paris, Didier, [1977].

YEBRA, Valentín Garcia. **Teoria e prática da tradução**. Editorial Gredos, 1982